

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: A TECNOLOGIA EM QUESTÃO

Magda Barbosa da Silva¹

Janáina Nogueira Maia Carvalho²

Resumo

A pandemia gerada pela COVID-19 tem sublinhado desafios e muitas preocupações na sociedade e nas pessoas como um todo. Além de perguntas inerentes ao caos, tem a educação infantil como um campo acentuado de momentos angustiantes em relação às crianças da Educação Infantil, ponto inicial deste estudo. Assim, este artigo, busca traçar, reflexões sobre o acesso das crianças às tecnologias digitais no contexto das instituições educacionais e/ou fora dele. Tem como objetivo pensar o uso das tecnologias digitais nesta etapa educativa, no contexto de pandemia, como suporte de aprendizagem e comunicação entre as famílias e as instituições infantis. De abordagem qualitativa, é uma pesquisa documental que inclui textos legais e manuais orientadores sobre Educação Infantil, bem como a sociologia da infância como aporte teórico e, apresenta uma Roda de conversa entre uma professora, uma mãe e uma criança, para emergir os dados da pesquisa, apontando dessa forma, que a articulação tecnológica se faz emergente considerando a pandemia responsável por muitas mudanças na atualidade.

Palavras-chave: Educação Infantil; Tecnologias; Pandemia; Sociologia da Infância.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1825-0097>. E-mail: magdabarbosapedagogiaufms@gmail.com.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado e Doutorado (PPGE/UCDB) 2020. Estágio Avançado de Doutorado em Estudos da Criança/Sociologia da Infância - Universidade do Minho em Braga/Portugal - 2018/2019. Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2013). Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Estácio de Sá (1996). Graduação em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (1993). Professora Efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAQ, Pesquisadora do GEPDI (Grupo de Estudos e Pesquisas da Docência na Infância - UCDB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1528-5665>. E-mail: janaina.maia@ufms.br.

CHALLENGES OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION IN TIMES OF PANDEMICS: THE TECHNOLOGY IN QUESTION

Abstract

The pandemic generated by COVID-19 has highlighted challenges and many concerns in society and in people as a whole. In addition to questions inherent to chaos, early childhood education is an accentuated field of distressing moments in relation to children in Kindergarten, the starting point of this study. Thus, this article seeks to outline reflections on children's access to digital technologies in the context of educational institutions and/or outside of it. It aims to think about the use of digital technologies in this educational stage, in the context of a pandemic, as a support for learning and communication between families and children's institutions. With a qualitative approach, it is a documental research that includes legal texts and guiding manuals on Early Childhood Education, as well as the sociology of childhood as a theoretical contribution, and presents a conversation wheel between a teacher, a mother and a child, to emerge the data from research, thus pointing out that technological articulation is emerging considering the pandemic responsible for many changes today.

Keywords: Child education; Technologies; Pandemic; Childhood Sociology.

DESAFÍOS DE LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA EN TIEMPOS DE PANDEMIAS: LA TECNOLOGÍA EN CUESTIÓN

Resumen

La pandemia generada por COVID-19 ha puesto de relieve desafíos y muchas preocupaciones en la sociedad y en las personas en general. Además de las cuestiones inherentes al caos, la educación infantil es un campo acentuado de momentos angustiosos en relación con los niños de Kindergarten, punto de partida de este estudio. Así, este artículo busca esbozar reflexiones sobre el acceso de los niños a las tecnologías digitales en el contexto de las instituciones educativas y / o fuera de ellas. Su objetivo es pensar en el uso de las tecnologías digitales en esta etapa educativa, en el contexto de una pandemia, como apoyo al aprendizaje y la comunicación entre familias e instituciones infantiles. Con un enfoque cualitativo, se trata de una investigación documental que incluye textos legales y manuales guía sobre Educación Infantil, así como la sociología de la infancia como aporte teórico, y presenta una rueda de conversación entre una maestra, una madre y un niño, para Surgen los datos de la investigación, señalando así que la articulación tecnológica está emergiendo considerando la pandemia responsable de muchos cambios en la actualidad.

Palabras clave: Educación Infantil; Tecnologías; Pandemia; Sociología infantil.

INTRODUÇÃO

No final de 2019 uma doença terrível chegou para todo o mundo propagando uma grande pandemia e, a Terra ficou abalada com essa doença. A seriedade foi tamanha que dissipou várias vidas, e concomitantemente vários aspectos foram impactados, como a economia, doenças mentais, hospitais lotados, ou seja, um grande impacto em todo mundo e a educação não ficou de fora. Por meio de estudos, descobre-se que, essa doença, a Covid-19, só poderia ser amenizada com menos contato entre as pessoas, com isso, fez-se necessário medidas como o chamado look Down³.

Devido à realidade em que o mundo enfrenta com a Covid-19, fez com que as instituições se reinventassem e, diante dessa situação, foi preciso o isolamento e o fechamento temporário de escolas, sendo então, a melhor forma de se precaver desse vírus, pensando no momento em que a doença diminuísse. Essa situação perdurou por aproximadamente dois anos e, a partir dessa medida, na educação, instituições do município, estados e universidades tiveram que parar as atividades presencialmente e, suas ações e diversas atividades foram realizadas pelo modelo emergencial remoto.

Percebemos a partir dessa pandemia, o quanto à educação brasileira possui fragilidades. Ela expôs muitas dificuldades em que os alunos, a escola e os professores enfrentam no seu cotidiano. Com isso, a educação infantil, foco deste estudo, sofreu um grande impacto, tanto quanto em questão de tecnologias, pois nem todas as crianças, tiveram e/ou têm acesso quanto também ao que se refere à família, pois nem todos possuem escolarização para ensinar. Outra problemática aparente, é a desigualdade social que impacta diretamente no desempenho das crianças, em como, estarem suscetível à exploração e abusos. Aos docentes, foram impostos o ensino emergencial

³ O **Lockdown** é um protocolo de emergência que evita que as pessoas saiam de suas casas para atividades consideradas não essenciais. Seu objetivo é reduzir o número de pessoas circulando e conseqüentemente controlar a disseminação do vírus (BRITO, 2018).

remoto e, estes profissionais tiveram que se reinventar para possibilitar uma educação de qualidade mesmo diante de tantos desafios e enfrentamentos.

Dessa forma, este estudo, apresenta uma reflexão sobre como esses impactos se deram ao decorrer dos dias para as crianças da educação infantil e, apresenta uma Roda de Conversa que, se deu remotamente, por meio da Plataforma disponível o, Google Meet, com uma professora, uma mãe e sua filha, para registrarmos o que pensam e como lidaram/lidam com a educação em tempos de pandemia, bem como o aporte teórico utilizado para dizer do protagonismo, infância e direitos da criança, a sociologia da infância que situa a criança como sujeita de direito e sublinha a infância como geracional em seu tempo/espaço.

A COMPREENSÃO POSSÍVEL PARA OS IMPACTOS DA PANDEMIA 2020/2021: pontos chaves para a pesquisa

Como já mencionado anteriormente, a pandemia agravou todo segmento escolar, inclusive a mim, como mãe e como acadêmica. Estava tão focada em como aprender em aulas remotas, que não me atentei o quanto um determinado grupo da educação estava sendo muito mais afetado, no qual se dá a educação infantil, principalmente nos primeiros anos, onde o processo de alfabetização está sendo mais efetivado.

Foi então que o interesse dessa pesquisa surgiu, após uma disciplina intitulada: Fundamentos e práticas da alfabetização, ministrada pela professora Doutora Janaína Nogueira Maia Carvalho (hoje, minha⁴ orientadora), na qual estava matriculada no quinto semestre (2021/1) de pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campus de Aquidauana-Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAQ/MS.

A partir de então, comecei a observar minha filha de 6 anos, inserida nos anos iniciais 1, justamente na fase de alfabetização e, como o processo

⁴ Neste momento, registro a escrita em 1ª pessoa, para retratar o interesse pelo tema e, após este subtítulo, volto em 3ª pessoa, para também ilustrar o que pensamos (eu e minha orientadora) sobre o que foi pesquisado.

desse ciclo estava lhe prejudicando devido a pandemia. E infelizmente não se fez cumprir as recomendações da Organização Pan-Americanas da Saúde (2020 p,1) “Assegurar a continuidade da aprendizagem e do desenvolvimento seguro, adequado e apropriado das crianças nos domínios educacional e social”.

Nesse sentido, fui percebendo o quanto às escolas ainda estavam despreparadas para ensinar remotamente, neste caso, da minha filha e, depois, em contato com outras colegas, escutei relatos iguais e, em nossos estágios, isso se materializou. Assim, com essa observação, pontuo que os docentes se utilizaram de metodologias de forma convencional ao que utilizavam em seus cotidianos, ou seja, cópias de atividades quinzenais em que, as crianças precisavam realizar resolver, completar, pintar, pesquisar, a diferença foi em ter que devolvê-las dentro do prazo de quinze dias, sem ao menos uma explicação e até, sem saber em alguns casos, quem era sua professora. A única fonte tecnológica que se utilizou foi via app WHATSAPP, onde apenas era informado aos pais o dia que era para buscar as dezenas de atividades.

Diante dessa experiência, como mãe, foi muito decepcionante, pois em um tempo em que, minha filha teria a oportunidade/possibilidade de viver novas experiências, com novos conhecimentos sendo adquiridos dia a dia, foi atravessada por ‘um terror’, passava horas sentada a realizar várias coisas “chatas” para pintar. Pontuo aqui, que hoje, as crianças, já nascem em um tempo midiático, diferente do nosso tempo, um tempo, com coisas interessantes e coloridas, um tempo da Tv, com filmes, desenhos em 3D, da internet e You Tube, bem como suas preferências, gostos, desejos, sonhos, tornado uma competição injusta convencê-la a fazer mais de 30 atividades por quinzena em preto e branco.

A saber, Pirozzi (2020), em seus estudos, aponta que o ideal, seria viabilizar experiências gratificantes para as crianças da educação infantil, envolvendo de alguma forma, além dos recursos, ditos escolares, tanto em momentos presenciais como remotos, a interação com as crianças, construção de relações, manutenção da atenção e, encorajamento para participação nas atividades, considerando importantes também, atividades lúdicas e práticas

(como cantar, dançar, desenhar, construir brinquedos), consideradas como as mais relevantes para as crianças pequenas na atividade online.

Já como acadêmica, deparei-me com muitas dúvidas: Será que essas crianças teriam pais alfabetizados para poderem auxiliar as atividades propostas? Será que podia haver algum método diferenciado para alcançar algum objetivo de aprendizado? Será que a família teria acesso a algum tipo de tecnologia? Será que essa criança teria mínimas condições para poder conseguir estudar, como espaço adequado, ou até mesmo alimento? Pois então, muitas dessas respostas só teremos quando essa criança voltar para escola e novos estudos e pesquisas, for realizadas com elas em um mundo pós-pandêmico. Reitero aqui, uma vez mais, o que aponta a Organização Pan-Americanas da Saúde (2020 p,2) “o fechamento das escolas claramente tem impactos negativos na saúde, educação e desenvolvimento das crianças, na renda das famílias e na economia em geral. ”

Muitos professores e pais/família estão passando por várias dificuldades em promover a aprendizagem durante a pandemia, afinal não é algo fácil de realizar, conquistar e desenvolver, mesmo aos docentes. Segundo a BNCC (2009, p.39) são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos” por isso, utilizar muitas e tantas e/outra metodologias e métodos, bem como, estratégias, recursos, atividades e atividades descontraídas, para as crianças, é possível e, para a educação infantil é de extrema relevância para o desenvolvimento de diversas habilidades que se leva por toda a vida.

TECNOLOGIA COMO ALIADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: possibilidades de saberes, cultura/s e currículo

Percebemos que nos dias de hoje, a tecnologia não é mais novidade para ninguém, pelo contrário, está extremamente ligada à sociedade contemporânea de modo amplo e diversificada. Está tão arraigada neste contexto que é impossível não a encontrar também, em meio às crianças da educação infantil.

E nesse momento, em que o mundo se encontra com a covid-19, a tecnologia está sendo uma poderosa ferramenta e instrumento possível, para que a educação, sistemática e institucionalizada se realize. Tornou-se, assim, um método/meio de auxílio para conectar docentes que, por sua vez, possibilita efetivamente seu papel de mediador do conhecimento às crianças e, neste caso, da educação infantil.

Para tanto, em meio a tantas formas tecnológicas que utilizamos na educação para melhorar o distanciamento obrigatório em que vivemos, nos perguntamos: como é que os docentes e crianças, estão conseguindo lidar com essa temática? Será que de fato todas as crianças estão conseguindo ter o ensino e aprendizagem da qual elas tem por direito? Salientamos a importância que esses recursos tecnológicos passaram a representar e, que hoje são nossos aliados nesse processo de ensino e aprendizagem, para que as escolas e centros de educação infantil consigam atingir seus objetivos. Assim,

[...] as ferramentas tecnológicas devem satisfazer objetivos específicos de aprendizagem, tais como envolver o aluno na construção do conhecimento, potencializar a criatividade e a expressividade, promover a interação e o trabalho colaborativo, explorar formas de aprendizagem autônoma e permitir a apresentação dos seus trabalhos a um público (PIROZZI, 2020, p.184).

Diante dessa imersão tecnológica as crianças estão cada vez mais, imersas a esse mundo que tanto a cativa e, com isso, elas vão adquirindo cada vez mais o seu protagonismo, tornando-se autônoma a sua própria aprendizagem. Por essa, razão os docentes têm a possibilidade de, nesse tempo de pandemia, repensarem suas práticas educativas, visto uma vez, que essa necessidade tecnológica já está arraigada na vida das crianças e, portanto, a oportunidade de pensar em métodos e práticas cada vez mais atuais para poderem aproximar do contexto que a criança vivencia e, elas, por sua vez, tendem a fazer uso das tecnologias para entretenimento, preferindo tablets pela facilidade do uso e pelo senso de autonomia gerado, tendo em vista o tamanho do dispositivo e acessibilidade (BRITO, 2018)

Todavia diante da criança já utilizar essa ferramenta, seria então, a oportunidade de ser pensada como uma estratégia de ensino, para que, assim não se torne em um aspecto negativo, e isso, sublinha um empenho ainda maior do profissional da educação. Uma vez que a maioria do/as pais/família já possui celular, pois este se tornou indispensáveis à vida das pessoas, e agora também tem se tornado o protagonista do estudante, neste caso, da criança da educação infantil, porém, é salutar que, a família oriente essa criança a ter uma boa conduta referente a esse aparelho, pois além dele oferecer um mundo de conhecimento, ele também possibilita inúmeras informações/atrações podem tirá-las do foco da aprendizagem.

Destacamos aqui, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), um importante documento norteador da área que, aponta uma série de indicações que viabilizam a educação em nosso país, dentre as quais nos permitem refletir sobre a as tecnologias em contexto de Educação Infantil. De acordo com o artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), o currículo desta etapa visa a promoção do desenvolvimento integral das crianças por meio de um conjunto de práticas que procuram articular experiências e saberes das crianças com aquilo que faz parte do patrimônio histórico, artístico, cultural, ambiental, científico e tecnológico.

Ilustramos que, vale a pena dizer, que, o docente de maneira nenhuma se torna um substituto da tecnologia, mas sim, um mentor, ajudador, orientador da criança, para que de fato ele possa propiciar um ensino mais dinâmico e empreendedor.

É interessante mostrar que a BNCC (2009) já destacava esse ponto antes mesmo da pandemia onde se tornou de fato algo que a mesma já destacava compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Esse acesso está nas mãos das crianças na mais tenra idade, e que cabe ao docente e/ou aos pais/familiares serem o ajudador da criança, para mostrar que há uma fonte de conhecimento inesgotável em suas mãos e que pode ser utilizada para que o conhecimento possa lhe agregar o ensino aprendizagem de forma afetiva.

A metodologia abordada pelos docentes, neste período pandêmico, como já mencionamos anteriormente, tem, neste momento, a possibilidade de alcançar marcas positivas e, práticas modernas, pois, motiva as crianças para uma aprendizagem, com ferramentas tecnológicas e, possíveis de seres prazerosas. Por isso, é importante planejamentos em que, as crianças estejam ilustradas para assumirem a autonomia e também serem, crianças/pesquisadoras, buscando as melhores fontes para suas pesquisas. Assim, os docentes da educação infantil, possibilita imersão, sua e da criança ao mundo do saber e da ciência, despertando o interesse em agregar mais conhecimento, ampliando saberes, assim,

[...], o papel do professor diante de tanta parafernália tecnológica passa a ser de um articulador, ou de curador (indicador de sites, fontes de pesquisa, atividades online...). Esse mesmo professor pode e deve continuar diversificando sua aula e, para atingir seus objetivos educacionais e desenvolver habilidades e competências, precisa lançar mãos do uso de novas ferramentas digitais (PIROZZI, 2020, p.181).

Uma vez que se utiliza dessas ferramentas tecnológicas, para a aprendizagem, de acordo com Pirozzi (2020), gera, cada vez mais na criança, habilidades para novos e possíveis saberes e, o docente, por sua vez, amplia também suas competências.

Nesse tempo pandemia cabe ao docente, ser criativo, mediador e pesquisador, pois o mundo passa por constantes mudanças, e essa pandemia veio mostrar que temos a possibilidade de sairmos da zona de conforto e nos atualizar, pois, da mesma forma que, o mundo está mudando a cada dia, as crianças também, e para termos um processo de aprendizagem eficaz teremos que usar essas ferramentas digitais.

O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com a efetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. (MORAN, 2005, p,12)

Com essa tecnologia a forma de aprender saiu das paredes das salas de aula, e trouxe às pessoas um saber instantâneo, por meio da internet e, fomos atravessados por muitas informações. Em qualquer lugar onde a pessoa esteja, tem acesso ao conhecimento e, ainda, muitas instituições infantis, não possuem infraestrutura para aproveitar a tecnologia como apoio. Portanto, registramos que, tanto as instituições, quanto os docentes, têm neste momento, a oportunidade de se integrarem a essas tecnologias, pois assim também agregará um profissional com mais criatividade, e experimentador que, possibilitará melhor auxílio às novas tecnologias como forma de saber às crianças.

A CRIANÇA E A INFÂNCIA NA PANDEMIA: Desigualdade de acesso à tecnologia

Das muitas questões que a pandemia nos trouxe, uma das que ficou muito evidente foi à relação sublinhada avista da desigualdade social que enfrentamos. Marca disto remete ‘olharmos’ às aulas estarem sendo realizadas de forma remota, sendo, o currículo re/programado em sua maioria para plataformas digitais. Diante disso, nesse período, as aulas foram realizadas por meio de vídeo, também se utilizando de recursos como jogos, filmes, aplicativos entre outros. Podemos considerar que “O ponto é pensar quais são as crianças que acessam esses materiais, quais têm a possibilidade de imprimir, ler e compreender cartilhas, ou mesmo acesso à internet e aos dispositivos de áudios e vídeos” (PASTORE, 2021, p,6).

Contudo, isso nos faz refletir em diversos fatores, podemos pensar que de fato todas essas aulas, foram planejadas de maneira igualitária para as crianças? Será que as famílias mais vulneráveis e, a pobreza possuiu acesso a equipamentos digitais? Ou ainda, porventura, todas as famílias tiveram acesso à conexão de internet? Essas questões trazem uma enorme desvantagem educacional em nível de desigualdade digital.

Cabe então, pensar na contextualização social da criança nesse período pandêmico, embora, elas não são do grupo de risco, foram, de alguma forma, prejudicadas em seus direitos, principalmente no quesito da participação e o de mobilidade (Muller, 2020; Ribeiro, 2020), pois uma criança depende do um adulto para intermediá-la diante de tecnologias. Todavia, se o adulto não tem as devidas condições, sendo elas, financeiras ou até mesmo em nível de conhecimento tecnológico, ou dificuldades geográficas e ainda levando em consideração todas as crianças em diversas situações, como as de ruas, as que ficaram órfãs, as crianças indígenas, as crianças migrantes, as das áreas rurais, as que sofreram violência domésticas, (Miranda, 2020) ou seja, todas essas crianças foram impactadas com a vulnerabilidade nesse contexto pandêmico.

Assim, trazer em pauta o debate sobre as condições sociais da criança e, da/s infância/s, diante de um quadro de emergência social que, como diferentes estudos demonstram (ALMEIDA, 2009), ilustra de forma mais abrupta as crianças, marcando um grande sofrimento e agravamento das condições de pobreza. No âmbito dos problemas sociais urbanos, e, neste caso, a educação escolar de muitas crianças nesta pandemia da corona vírus, está fragmentada e desigual, e essa fratura social, na cidade e, em muitos outros, cria condições de vulnerabilidade ainda maiores para as crianças pobres.

Importante registrar que, antes da pandemia já se apontavam dados como o aumento da mortalidade infantil não apenas pela fragilidade dos sistemas de saúde, mas também pelas diversas violências que afetam a infância, sobretudo, as crianças mais pobres. Os dados⁵ sobre os direitos das crianças de março a dezembro de 2020 já revelaram outros indicadores preocupantes como, por exemplo, a diminuição da cobertura vacinal e o fato de crianças indígenas

⁵ Dados da PNAD de 2015 revelam que 18% das crianças e adolescentes de 0 a 14 anos vivem em domicílios com rendimento mensal per capita de até ¼ do salário mínimo. É o maior percentual entre os grupos de idade nessa condição. Crianças e adolescentes são o maior grupo em situação de insegurança alimentar no Brasil, perfazendo 34,1% para pessoas de 0 a 4 anos e 33,7% para pessoas de 5 a 14 anos, contra 25,8% para a população em geral, conforme dados do Suplemento Segurança Alimentar da PNAD de 2013 (IBGE, 2016). A mesma fonte mostra que, enquanto 74,2% da população brasileira estavam em situação de segurança alimentar em 2013, para a população de 0 a 14 anos o percentual caía para 66,3%.

e negras serem as mais excluídas do direito à educação no contexto de isolamento social.

Olhar para as consequências do isolamento social sobre as crianças, tem uma relevância social na medida em que as populações infantis são o grupo de maior representação nos indicadores de desigualdade social e de baixo padrão de vida, pois, compreender as crianças no enfoque da dignidade humana se apresenta ainda mais necessário em contextos de desastres e tragédias. Pontuamos aqui, que a legislação multilateral, da qual o Brasil é signatário (Convenção Internacional dos Direitos da Criança, de 1989), bem como a legislação nacional (Estatuto da Criança e do Adolescente) a reconhecem em sua peculiaridade, em sua dignidade e como detentora de prioridade e do direito a proteção integral e plural (ALMEIDA, 2009).

Nessa perspectiva, articula-se aqui o binômio de **proteção e participação**, na medida em que o aporte teórico apresentado neste texto, traz a importância da escuta e de participação das crianças, quanto assume um caráter de denúncia, frente a aspectos de uma realidade social de infâncias desiguais. Assim, ao dar visibilidade a expressões e produções culturais das infâncias, sublinhamos que, a forma em que as crianças se expressam, sejam em suas linguagens (brincar, desenhar, imaginar) ou por artefatos simbólicos produzidos pelas crianças e pela possibilidade dessa especificidade do olhar infantil ser compreendida e acolhida na construção das **políticas** públicas a elas destinadas (SARMENTO, 2011), seja de alguma forma, momento para saber como elas se sentiram em relação a aprendizagem neste momento pandêmico..

As circunstâncias e condições de vida das crianças são, contemporaneamente, enquadráveis naquilo que tem sido um dos momentos mais marcante da infância: o carácter paradoxal com elas são consideradas pela sociedade “dos adultos”. As crianças são tanto mais consideradas, quanto mais diminui o seu peso no conjunto da população. Este indicador demográfico, particularmente presente nos países ocidentais, por efeito coordenado do aumento da esperança de vida e da regressão da taxa de fecundidade, constitui, na verdade, o principal e decisivo fator da importância crescente da infância na sociedade contemporânea (SARMENTO, 2011), por este motivo, pensamos

junto ao autor, que, as crianças foram os sujeitos que mais sofreram em relação ao isolamento e, em relação a aprendizagem afastadas das possibilidades escolares, sem ter o devido acesso a internet, ou outras questões afins.

Sarmiento (2011), aponta em seus estudos, que, é elucidativo da arbitrariedade da definição dos limites etários impostos à infância. No entanto, considerando que esta categoria social se estabelece por efeito exclusivo da idade (e não da posição social, da cultura ou do gênero), podemos considerar que o movimento de isolamento social e afastamento das crianças das instituições, mesmo que necessário, foi de alguma forma difícil para elas. Foi, uma questão política e social, não sendo indiferente ao contexto em que se coloca, nem ao espaço ou ao tempo da sua colocação. Assim “ser criança” varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica, e com a definição institucional da infância dominante em cada época. E, ficará registrado mundialmente a ‘era’ atípica das crianças estudarem, uma ‘era’ de, modelo emergencial remoto.

Diante de tudo que foi mencionada, percebe-se como a desigualdade social que de certa forma traz o impacto dessa desigualdade digital, tem impedido que a educação pudesse fluir de uma forma mais proeminente. Assim sendo, “injustiças sociais são uma questão ética na sociedade contemporânea, pois o desejo de resolvê-las é uma opção política, tendo em vista que os recursos são existentes”.(FARIAS E LEITE, 2021, p. 3) visto que, se os governantes não tiverem um olhar para a educação, infelizmente pouco irá mudar.

A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: possibilidades do protagonismo infantil

A Sociologia da Infância é um campo de estudo e pesquisa que, pauta sua teoria, na possibilidade do brincar enquanto atividade simbólica de produção de cultura. Então, considerar a existência de uma cultura da infância e apontar a importância de dar vozes às crianças, o que estão falando, atuando, agindo, pensando, expressando, por muitos meios, como seus sentimentos, suas

percepções, suas emoções, seus momentos, seus pensamentos interligados à escola e à família, entrelaça a discussão sobre a socialização da criança como uma forma de valores da sociedade adulta.

Dessa forma, esse campo teórico e científico, sublinha o seu ‘pensar’, no protagonismo da criança e, sustenta-se em ‘olhar’ e ouvir, buscando compreender e perceber suas mensagens e ainda, seus relatos, e ilustra em seus diferentes contextos a multiculturalidade de infâncias que provém das suas vivências, que transformam as imagens infantis em culturas infantis, pois as crianças tem um lugar marcado na sociedade que tem a ver com a condição social da infância.

Corsaro (2011) afirma que a cultura de pares é afetada pelos adultos, sobretudo pela rotina adulto-criança presente nas famílias e nas instituições como um dos primeiros espaços externos de socialização das crianças. Para o autor, “as crianças ativamente ingressam e tornam-se participantes e colaboradores de cultura de pares locais pela primeira vez quando se movem para fora do âmbito familiar em direção à comunidade adjacente” (CORSARO, 2011, p.154) e, este estudo apresenta a sociologia da infância como possibilidade de trazer à criança possibilidades de viverem na sociedade como capaz de contar a sua história.

Assim, o modelo tecnológico suscitado na atualidade, bem como no modelo remoto emergencial, aponta a criança como pertencente a mundo social, real e que cora de alguma forma o seu papel. Esta perspectiva de pertencimento a um grupo de crianças significa entender, neste caso, que as crianças da educação infantil constituem uma cultura e terão suas memórias afetadas e também afetará de alguma forma, a cultura de outras crianças, tão logo, a sociedade.

Neste aporte, é salutar registrar que, a sociologia da infância como área do conhecimento, entende que, o infante em seus universos, ressaltam complexidades e modos de vida, as manifestações culturais são produzidas de maneiras singulares e vivenciadas por todas as crianças. Elas se fazem participantes e protagonistas nas instituições infantis, porque, embora tendo uma autonomia que é relativa, elas conseguem romper com certas lógicas e

resinificam seu ofício de criança e, a tecnologia além deste momento de pandemia do Covid-19, tem variantes para elevar a sua participação como um todo em seu desenvolvimento.

Assim, a Sociologia da Infância vem se articulando como fundamental nos dias atuais, pois:

[...] quando as crianças reconhecem que têm a capacidade de produzir seu próprio mundo partilhando sem depender diretamente dos adultos, transforma-se a própria natureza do processo de socialização. Nunca mais predomina o relacionamento assimétrico entre adultos e crianças. As crianças começam de modo rotineiro a socializar-se umas às outras e aportes e experiências do mundo adulto são interpretadas em função das rotinas de uma cultura de pares de complexidade e autonomia crescentes (CORSARO, 2011, p. 134).

O autor registra como é importante analisar e compreender o/s modo/s como se dá/ão os aportes do mundo das crianças, como elas afetam e são afetadas ao longo de suas rotinas e a intermediação entre as culturas, constituindo-se na capacidade de criar e de aprender sobre o mundo e a vida. Essas circunstâncias podem ser cultivadas como possibilidades de uma infância que carrega o movimento, a vitalidade e o prazer da descoberta de uma infância plural como construção social e cultural que se abre a todo o momento em histórias de vidas.

Assim, a tecnologia da/para a criança cumpre, de certa forma, o seu papel no processo de socialização aprendizagem e relações que, por meio dos estudos de Corsaro (2011), amplia a visão do conceito de socialização e, propõe que a relação das crianças com a cultura, se dá por meio da reprodução e de interpretação, de manutenção da estrutura e de sua transformação pela ação do sujeito, assim, contrapõe a tradicional visão de socialização infantil que tem as crianças como sujeitos passivos frente à sua socialização e desenvolvimento, bem como, sua interação com o meio.

A Sociologia da Infância “propõe o estabelecimento de uma distinção analítica no seu duplo objeto de estudo: as crianças como atores sociais, nos seus mundos da vida; e a infância, como categoria geracional, socialmente construída” (SARMENTO, 2002, p. 22). Dessa forma, estar junto às crianças da

educação infantil e, as suas relações de pares, a partir do que a Sociologia da Infância nos propõe, tem-se o pressuposto de que as crianças também se socializam, aprendem e produzem cultura com base no que constroem e partilham entre si.

Registramos, então, que, observar a criança brincando e mediando seus saberes, por meio da tecnologia, emergente aos dias atuais com seus pares, tem sido um instrumento de investigação e de trocas com a possibilidade de registro e compreensão da forma como as crianças produzem, assimilam, interpretam e reproduzem cultura.

RODA DE CONVERSA: as vozes da pesquisa

Para dar voz a essa pesquisa, propomos, por meio da plataforma Google Meet, a realização de uma roda de conversa, a qual contou com a participação de uma professora da educação infantil, uma mãe e uma criança. Desse modo, decidimos realizar a roda de conversa supracitada, com o fito de oferecer seguridade ao que os documentos apresentados neste estudo estão a nos dizer.

Nessa perspectiva, em uma quarta-feira, 04 de agosto de 2021, às 18h, foi realizado o encontro virtual e, para introduzir a roda de conversa, foram propostas algumas perguntas, as quais possuíam a finalidade de levantar informações/dados a respeito do tema abordado, bem como a preservação dos nomes das convidadas, no sentido de garantir o sigilo das participantes e da pesquisa como um todo. Para tanto, seguem algumas informações acerca dos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Professora: formada há cinco anos (5 anos) e, de imediato, começou a atuar na área, na qual possui graduação em pedagogia, especialização em psicopedagogia e em educação especial, atuando na educação infantil, desde então.

Mãe: 36 anos, graduada em pedagogia, porém não atua, e, no momento, é dona de casa para, segundo ela, poder atender a sua família.

Criança: 4 anos, cursando a pré-escola em período vespertino.

Após iniciarmos a nossa conversa, explicamos a sua importância ao referido estudo, agradecemos a disponibilidade de tempo das participantes e, quanto ao sigilo, perguntamos a elas: Qual foi o sentimento, após a pandemia ter se instalado? Assim, seguem as respostas:

Mãe: o primeiro sentimento foi de desespero, pois nunca havíamos passado por isso. Dessa maneira, meu maior desafio foi com meus filhos, visto que um está no ensino médio, um na educação básica, e uma na educação infantil. Nesse contexto, consegui me dedicar mais para a que está na educação infantil, devido à minha formação, entretanto senti muito o impacto, principalmente pelo medo de não saber lidar com as tecnologias que precisavam ser utilizadas.

Criança: senti tristeza, a tristeza em não poder mais ir à escola e não poder ver meus amigos.

Professora: de início, achei apenas que era um momento, mas, quando as aulas remotas começaram, o desafio foi muito grande para todos nós professores, especialmente com o uso das tecnologias. Cabe ressaltar que o primeiro ano foi o mais difícil, haja vista que as crianças e os pais não entendiam que estavam em aula. Diante disso, afirma-se que de 20 crianças até ao final do ano, apenas 7 deram as devidas devolutivas e participação. Além disso, o pânico, também, foi algo que perturbou psicologicamente, pois havia muita pressão e, somado a isso, o medo de contrair e transmitir COVID-19.

Dado o exposto, percebemos, nos diálogos recorrentes, que a marca além do ‘medo’ da doença era a questão tecnológica, bem como a forma como iria ser o ano letivo. Outrossim, é cabível frisar que a criança, em sua espontaneidade, diz da escola e dos amigos, mais precisamente por conta das relações, além de ser momentos de convívio pleno ao seu desenvolvimento.

Em prosseguimento do diálogo, lançamos a seguinte pergunta: Em relação à educação, como sentiu sobre o ensino e aprendizagem? Quais foram as maiores dificuldades e desafios?

Professora: com certeza a família, pois se não tiver a participação da família na educação infantil, de fato, não haverá a interação da criança. Outro desafio foi na questão da renovação do professor, tendo em vista que foi necessária essa mudança do professor de sala e giz, o qual passou a ser um professor pesquisador, imerso às novas tecnologias.

Criança: fazer as atividades em casa, somente com a minha mãe ajudando.

Mãe: conseguir transferir o que a professora ensina para a criança por meio das atividades, pois não havia uma forma lúdica de aprendizagem, como é na escola, ou seja, há a responsabilidade dentro de casa.

Mais uma vez, o que decorre da preocupação, por parte da professora, são as tecnologias e a nova forma de adaptar a aprendizagem. Assim, a mãe, além dos filhos, tem a casa para cuidar, sentido, desse modo, falta de ludicidade para a filha nas atividades, as quais precisou auxiliar. Por

consequente, a criança mostra seu incômodo em não ir à escola, pois na sua fala anterior, isto é, no início da apresentação, nos contou sobre ser o seu início escolar.

Para a última pergunta, havíamos escolhido pontuar sobre a aprendizagem, no sentido de como se deu a relação das atividades, contudo decidimos alterar para: O que se espera após esse período de pandemia?

Criança: que possa voltar às aulas para ver as minhas amiguinhas para poder brincar e correr.

Mãe: que as famílias possam aprender com essa pandemia a dar valor para o relacionamento e serem pessoas menos egoístas em relação à educação, de forma que possam ter um novo olhar de amor e carinho.

Professora: ter a consciência de que temos que ter cuidado em tudo na questão de higiene e, principalmente, em poder abraçar as crianças. Ou seja, tudo é uma aprendizagem para valorizar as pessoas e as crianças, assim como a questão da tecnologia, da dificuldade de internet, enfim, espero poder voltar o mais rápido possível.

A escolha da mudança da última pergunta se deve ao fato de trazermos, ao nosso estudo, a clareza de sentimentos, a qual as entrevistadas estavam/estão sentindo. Para nós, ficou evidente a questão de que a tecnologia está em evidência hodiernamente, como apontamos anteriormente, mas, para nós, a voz da criança saltita em dizer da vontade de estar entre as amigas, correr, brincar e voltar às aulas. Isso ressalta que,

[...] as condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta. A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância (SARMENTO, 2002, p. 03).

Lembramos que as crianças são protagonistas de suas histórias, haja vista que querem falar, brincar, correr e aprender. Para elas, a vista decorre das relações entre pares, ou seja, com as outras crianças e os adultos, neste caso, a mãe e a professora têm outras preocupações, têm a higiene, o cuidado com o vírus, mas apontam a necessidade de retornarem ao 'normal' e, também, registram as vivências entre o mundo e as pessoas.

Na resposta da criança, percebemos a vida em abundância, a vida com seus pares, isto é, entre as outras crianças. Como o estudo registrou a importância de pensar a tecnologia, de forma a ilustrar a aprendizagem como um todo, ressaltamos a criança em seu bojo, pois

[...] quando as crianças reconhecem que têm a capacidade de produzir seu próprio mundo partilhando sem depender

diretamente dos adultos, transforma-se a própria natureza do processo de socialização. Nunca mais predomina o relacionamento assimétrico entre adultos e crianças. As crianças começam de modo rotineiro a socializar-se umas às outras e aportes e experiências do mundo adulto são interpretadas em função das rotinas de uma cultura de pares de complexidade e autonomia crescentes (CORSARO, 2011, p. 134).

Destarte, a cultura de pares é entendida como o conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses, os quais as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares (CORSARO, 2009). Assim, permeia entender o quanto, nesse ensino emergencial remoto, as atividades e os afazeres das/para as crianças têm a oportunidade de serem prazerosos, de maneira a articular saberes e tecnologia, a fim de garantir que se alcance as mais longínquas formas de que, ao brincar, as crianças aprendem consideravelmente.

MOMENTOS DE PENSARMOS PARA ONDE VAMOS: as considerações finais e/ou iniciais para um novo jeito de estar nas instituições infantis

O período pandêmico deixou muitas marcas na humanidade e, em todas as áreas da sociedade, infelizmente muitas perdas também. No entanto, nos mostrou que algumas mudanças eram/são necessárias para a educação de uma forma mais assertiva, como o uso das tecnologias, que mostrou o quanto é, importante, emergente e necessária para novos tempos, modernos, atuais e, registrar que, de alguma forma, nos aproxima do distante.

Outro ponto interessante, para considerarmos e, importante pensarmos é, de como o docente, neste momento, tem a possibilidade de ter ‘um olhar’ diferente/prazeroso para o novo e que jamais poderá viver estático, pois, estamos em constantes reformas em um mundo de incertezas, que vem por meio da pesquisa. Além disso, mostrou-nos o quanto a participação da família tem impacto na educação, e de como ela está indissociável da vida educacional da criança, e o quanto ela pode agregar na educação, sabendo assim, que, nem sempre a família é provida de saberes em relação ao ensino aprendizagem.

Considerando neste estudo, o aporte teórico da Sociologia da Infância para pensar a criança, registramos, como uma nova possibilidade de ilustrar como romper com os paradigmas tradicionais de socialização e com a compreensão da criança como um ser à parte da sociedade, como algo a ser moldado e guiado por forças externas, com a finalidade de ser um membro funcional na sua totalidade (CORSARO, 2011).

Um dos objetivos aqui foi sublinhar que, a criança ocupa um papel social ativo no seu processo de socialização e, por meio das interações sociais, interpreta o mundo; “em suas práticas, existe, para além da estereotipia, uma singularidade nas produções simbólicas e artefatos infantis que configuram o que a sociologia da infância define como cultura infantil” (SARMENTO, 2002, p. 20).

A sociologia da infância sublinha um espaço para a infância no cenário sociológico, evidenciando a subjetividade e a ação das crianças, considerando assim, a infância como estrutura social que, cada vez mais se apresenta de forma expressiva, nos últimos anos novos conceitos e abordagens próprios foram surgindo, compondo uma nova sociedade nos possibilitando reflexões culturais e sociais da infância na atualidade.

Por fim, sabemos que os desafios serão grandes no período pós-pandêmico, porém, muito foi agregado ao ser humano, principalmente o amor, tanto esse amor ao próximo como a paixão de poder estar junto e de como temos a oportunidade de reconhecemos o outro para completar um propósito maior, que é viver em comunidade, e que gestos simples ganharam grande importância, como de abraçar uma criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Nunes de *et al.* (2009). *Os Maus Tratos às Crianças em Portugal*. Relatório. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais/ Centro de Estudos Judiciários.

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> Acesso em 28 de jun.2021.

BRASIL. Resolução CEB/CNE nº 5 de 17/12/2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em

BRITO, Rita. Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até aos 6 anos Invest. Práticas, Lisboa, v.8, n. 2, p. 21 - 46, set. 2018.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artemed, 2011.

FARIAS, Magno Nunes; LEITE JUNIOR, Jaime Daniel. Vulnerabilidade social e Covid-19: considerações a partir da terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2099. 2021.

MIRANDA, H. (2020). Como fazer pesquisa com/sobre/para as crianças em tempos de pandemia do Covid-19? In Seminário Virtual. Prioridade absoluta. Recuperado em junho de 2020.

MULLER, Fernanda. Mobilidade urbana de crianças. In Anais do Encontro virtual Grupo de Pesquisa Criança, Sociedade e Cultura. Alagoas: UFPB. 2020.

MORAN, José Manuel. As múltiplas formas do aprender. ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS - JULHO 2005.

Organização Pan-Americanas da Saúde. Organização Mundial da Saúde. *Considerações para medidas de saúde pública relacionadas a escolas no contexto da COVID-19*. Anexo às Considerações para o ajuste de medidas sociais e de saúde pública no contexto da COVID-19 14 de setembro de 2020. Disponível em https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52682/OPASWBACOV1920112_por.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em 28 de jun.2021.

PASTORE, Marina Di Napoli. Infâncias, crianças e travessias: em que barcos navegamos?. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2797. 2021. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2116>

PAVNOSKI, Luciano. *A TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO: A APRENDIZAGEM ESCOLAR EM TEMPOS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS*. CULTURA DIGITAL. V1. Novas relações pedagógicas para Aprender e Ensinar. Bagai.2020

PIROZZI, Giane Peres. A DIDÁTICA EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: NOVAS FERRAMENTAS A SERVIÇO DO ENSINO. *Cultura Digital: novas relações pedagógicas para Aprender e Ensinar: volume 1/ Cleber Bianchessi*. - - Curitiba: Bagai, 2020.236p. ISBN 978-87204-14-7.

Sarmiento, Manuel Jacinto. “Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas”, in A.J. Martins Filho & P.D. Prado (orgs), *Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância* (27-60). Campinas, Autores Associados. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, SP, v.26, n.91, p. 361-378, maio/ago.2002.

RIBEIRO, F. B. Como fazer pesquisa com/sobre/para as crianças em tempos de pandemia do Covid19? In: Seminário Virtual. Prioridade absoluta, 2020.